

A GREVE de 2014 na USP suscitou o diálogo abaixo entre Docentes do IOUSP

Olá,

Sei que os emails são muitos e devemos escrever quando temos algo para contribuir. Este não é o meu caso, no momento, mas não posso deixar de dizer que as colocações do Michel ([MICHEL GREVE.docx](#)), são exatamente o tipo de atitude que eu acho que devemos ter. Não discuto ainda os pontos levantados por ele, mas o que eu quero dizer é que como resultado de nossas discussões temos que levar propostas práticas, sugestões de mudança, listas de atividades e metas para o futuro, práticas e mensuráveis, como as que ele colocou. A parte filosófica é super super importante, mas o que precisamos agora são de medidas efetivas. Abç.

Vicente

Prezado Vicente

Instado por colegas resolvi, como Prof. Sênior em atividade, fazer comentários sobre a análise do Prof. João da FAU (<http://cidadesperaquem.org/blog/2014/8/14/a-usp-no-problema-soluo>), relativa à situação financeira por que passa nossa Universidade e, em particular, o que tange ao Instituto Oceanográfico (IO).

Tive de entrar no Estatuto e no Regimento da USP , nos dispositivos da [CERT](#) e na Constituição da República ([CR](#)), mas valeu a pena! Aqui vão meus comentários sobre os diferentes **mitos** identificados por ele:

1- Resumindo os fatos.

O atual Reitor, a meu ver, não está contra os Professores da USP, apenas traz os problemas de natureza financeira, ao conhecimento de todos que nela trabalham. "TODOS". O artigo do E Gaspari mencionado, concordo, é uma lástima e se pudéssemos dar uma nota ao artigo ela seria uma Nota Zero !!!, mas o artigo suscita a oportunidade de examinar os mitos levantados pelo Prof. João da FAU.

2-Desfazendo um primeiro mito: "a folha de pagamento que compromete 105% do orçamento da USP é a grande culpada pela crise"

A meu ver não se trata apenas da folha de pagamento de pessoal, mas de todas as despesas da USP. Inclusive as despesas com pesquisas,

geridas que foram durante a ocasião Rodas, pela Pró Reitoria de Pesquisas, na época, ocupada pelo atual Reitor. O que me pareceu ser uma medida estatutária na direção errada, pois, a meu ver, a USP não é, de acordo com seus estatutos, uma unidade de pesquisa, mesmo que seja apenas em caráter temporário e nem poderá ser; na universidade quem faz pesquisas são somente os seus Docentes, sob pena dela se transformar em coisa alguma - o que não queremos que aconteça.

Não há dúvida; estou de acordo com relação aos 9,57 % do ICMS, mensalmente repassados pelo governo do Estado às Universidades, que permaneceram imutáveis e constantes desde o ano de 1995, causando problemas financeiros de grande monta, como os atuais. A assessoria do Governo do Estado deveria atentar para as atividades exercidas em adição pela USP, muitas vezes decorrentes de compromissos assumidos com o próprio Governo, que venham onerar seu orçamento, muito além da margem mensal do ICMS enviada às Universidades. Seria também bom para todos, se fosse informado, de que forma foi criada e construída a reserva técnica financeira, que permitiu a atual administração sobreviver até agora, gastando 105% dos recursos transferidos; seria bom também a assessoria do Governador, cuidar da atual gestão salarial do Governador do Estado, que não aumenta, ou não quer aumentar, seu próprio salário. A questão da governança do Estado, como se pode inferir, é também parte da crise financeira das universidades públicas paulistas.

Mais abaixo, tratamos de exemplos das universidades públicas dos Estados Unidos, mencionados pelo Prof. Joao da FAU, que poderão, talvez, ser seguidos pela governança (Governo e Assembleia Legislativa), do Estado.

3-Desfazendo um segundo mito: "os professores da USP, Unicamp e Unesp são marajás e ganham demais."

De fato, a atividade Docente nas Universidades do Estado é mal entendida pelas pessoas que estão fora da comunidade acadêmica. Por não entenderem o que os Docentes de qualquer Universidade digna desse nome, faz, além da obrigatoriedade por lei, de dar aulas; ainda que sejam apenas 8 horas por semana, em contrato de dedicação exclusiva de 40 horas semanais.

?-O que faz um Docente das universidades com as restantes 32 horas, que sobram das suas atividades fins, durante a semana?

Faz aquilo que, depois de ter vencido um concorrido concurso público, ter também demonstrado, sem o que, não conseguiria manter-se na carreira Docente (CAPES e [CERT](#)), clara aptidão e/ou mesmo vocação para produção de "novos" conhecimentos, em área pertinente por ele escolhida. Poucos tem esse privilegio e poucos também tem essas muito esperadas e muito necessárias qualidades. A Universidade não determina; apenas espera que seus Docentes demonstrem essas qualidades, através de publicações e/ou contribuições nas áreas de suas especialidades.

Qualidades que levem a conhecimento, ou contribuição ainda não produzidos pela humanidade; que a USP estatutariamente apenas promove, em todas as áreas do saber - como nas áreas que definem nossa "realidade" (matemática, física, biologia, geologia, engenharia, medicina, veterinária...etc.), nas áreas das atividades "cerebrais" (letras, artes, musica...etc.) e também nas áreas que mesclam as duas anteriores (arquitetura, direito, psicologia, sociologia...etc.); além de atender, fato também apontado pelo Prof. Joao da FAU, as atividades acadêmicas e administrativas do Departamento e da Instituição a que pertencem; é uma carga de trabalho muito grande; e não ganham mais por essas atividades; atividades essas que não se ajustam ao comportamento característico de um "marajá" a que se refere o quesito, o qual, como um bom "marajá, preferiria desfrutar do conforto e do bem estar, das inovações resultantes do trabalho realizado, ao invés de "por a mão na massa"; o "marajá" não conseguiria sobreviver na atividade universitária sob o acompanhamento da CERT e da CAPES. Ele não teria como existir e sobreviver nas universidades do Estado; seria um natimorto.

4-Desfazendo um terceiro mito: Os alunos da USP representam apenas uma elite privilegiada e poderiam pagar seus estudos.

A USP foi fundada pelos esforços da elite Paulistana, nos idos do século passado, cansada de ver o progresso das outras nações, enquanto a sociedade brasileira minguava, diante das iniciativas e capacitação do mundo civilizado, do qual acreditávamos fazer parte. Estávamos muito e muito mal mesmo, no quesito de nossa relação com as outras Universidades do mundo ocidental, em que julgávamos fazer parte. Se não vejamos:

A Universidade de Oxford (UK), foi criada no ano de 1.086; a

Universidade de Cambridge (UK), foi criada em 1209; a Universidade de Harvard (EUA), criada em 1.636 ; a Universidade de Princeton (EUA), criada em 1.746; a Universidade da Califórnia (EUA), criada em 1861; o MIT (EUA), foi criado em 1865; a Universidade de Stanford e a Caltech (EUA), ambas criadas em 1.891.

Falamos apenas das que constam dos "Top Levels" nos "rankings" recentes em importância das universidades. Falta mencionar as universidades Francesas, Alemãs, Italianas e Portuguesas, de maior realce, o que não faremos aqui. No contexto histórico da criação das universidades mencionadas, e também no das não mencionadas, estávamos, nas mesmas datas em que essas universidades foram criadas, na seguinte posição:

Em 1.086, Portugal mal havia nascido. Em 1.209 o Brasil ainda não havia sido encontrado. Em 1.636 não falávamos Português, ao que se sabe, mas sim o Tupi - Guarani, nas andanças pelas florestas destes Brasis. Em 1.746 falávamos ainda Tupi-Guarani e não ficamos sabendo que massa atrai massa na proporção direta de suas massas e na proporção inversa do quadrado da distância entre elas. Nos idos de 1.861 e de 1.865 começamos a poluir o mundo e surgiram as coisas das Mudanças Globais das quais somos como nação, vítimas parciais involuntárias. Na década de 1.891 surgiu a República e, na ocasião, nós nos percebemos órfãos dos "novos" conhecimentos produzidos por Docentes daquelas mesmas universidades e institutos de pesquisas mencionados. Não sabíamos, ou sabíamos muito pouco sobre esses "novos" conhecimentos.

Na primeira guerra mundial entre 1914 e 1918, em que morreram 10 milhões de indivíduos, começamos a sentir na pele a orfandade mencionada e para completar, veio a segunda guerra mundial, 1939 a 1945, em que morreram mais 50 milhões de indivíduos, que mais a quantificou e aprofundou; ambas as guerras foram conduzidas à partir dos novos conhecimentos, em grande parte produzidos nas mesmas universidades e institutos de pesquisas, já mencionadas. Nós, no então, outra vez, nos sentimos muito mal,...muito mal mesmo!

E as diferentes nações ainda continuam vivendo em estado de beligerância.

O exame da necessidade de conflito entre nações, parece surgir do fato

de não sermos imortais; só pode ser por isso. As nações, desde que o mundo é mundo, se matam pra valer ,em nome das diferentes descrições que fazem da mesma "realidade". Se fossemos imortais, o conflito armado entre elas não faria sentido e teríamos de fato a tão procurada PAZ! O conflito entre indivíduos, parece ser de mesma natureza; surge do fato de não vermos a mesma realidade vista pelo nosso interlocutor ou, provavelmente também, por termos personalidade própria e única, ou por termos impressões digitais desiguais.

A necessidade e a busca por conhecimento novo, que os Docentes das universidades produzem, portanto, parece ser fundamental em todas as nações para que possam se sustentar e continuar existindo como nações, é uma questão de sobrevivência das nações; no plano individual a necessidade parece surgir do receio de se sentir só no universo e por isso nos ajustamos e socializamos e formamos nações. Nos dias presentes não faz sentido sermos diferentes do que historicamente os indivíduos e a humanidade tem sido.

A USP e suas congêneres estaduais têm apenas 70 anos de criação; não é razoável a comparação dos seus resultados em cultura, ciência e prêmios Nobéis, com os resultados e prêmios Nobéis de suas companheiras mais antigas. Mas é necessário convir que ela, sem ser centenária, em seus poucos anos de vida, construiu um conjunto de conhecimentos, com discernimento e qualidade, nos moldes da Academia e Liceu da Grécia antiga.

É uma **Universidade Fantástica**; produziu a grandeza deste Estado e do Brasil, desde que foi criada em 1932. Ela, a cada ano, absorve um contingente de precioso material humano; um contingente de "cérebros", que tem a mesma qualidade, que o contingente de "cérebros" absorvido por todas as universidades do mundo. Neste aspecto, ressalvadas as condições viciosas do atual ensino médio local, não somos diferentes dessas universidades; esse fato fundamental foi levado em conta em 1932 com a criação da USP; fato que pode nos reconduzir em pouco tempo ao mundo do qual acreditávamos fazer parte e, não há razão para que ele (fato), não deva continuar sendo reconhecido pelos Governos do Estado e pela Nação. Se já não o fazem.

Cérebros não tem "pele" e o Estado não deve hoje repetir o exemplo da

Princesa Izabel, que ao assinar a Lei Áurea libertando os escravos, deixou-os às suas próprias expensas para formarem quilombos em sua inconformação e rebeldia. Negros, mulatos, caboclos, índios e tudo o mais, hoje sabemos, todos eles tem cérebros de mesma cor, independentes da cor da pele; os seus cérebros são semelhantes e de mesma cor que o cérebro da Princesa Izabel e não devemos repetir, com nossos jovens universitários, o seu mau exemplo do passado; não devemos deixá-los ao Deus dará.

Ao contrário, podemos e devemos tratá-los como "mentes preciosas", que a sociedade todo o novo ano nos envia, que passam pelo ENEM, entram na universidade e poderão nos conduzir a um por vir de melhor qualidade, onde o estado de beligerância entre Nações talvez não venha a existir .

? - Deverá o Estado agir, da mesma forma que na Universidade de Stanford, e todas as demais da grande Nação do Norte, fato este mencionado pelo Prof. Joao da FAU, onde os estudantes recebem "bolsas de estudos", com que pagam as anuidades dos cursos em que estão matriculados?

?- Ou deverá o Estado considerar os alunos da USP como representantes de uma elite privilegiada e poderiam pagar seus estudos?

Nesse ponto talvez possamos estar de acordo, pois de fato, pessoas que procuram a universidade e são aprovadas pelo ENEM, são pessoas privilegiadas, uma elite de "**mentes privilegiadas**", que pode continuar a nos ajudar a sair do "buraco" no qual estivemos até 1932, quando da criação da USP; ainda que com grande atraso em relação às nossas congêneres internacionais.

Quanto a pagar seus estudos, porque não?

5. Último (e mais grave) mito: "a universidade pública é ineficaz, a sociedade não deveria sustentando-a e ela deveria ser substituída pelo ensino superior privado"

Contra este mito, não bastassem os argumentos acima relativos à eficácia das universidades públicas do nosso e de outros países, temos a Constituição da República (CR), que afirma ser o ensino público um direito de todo cidadão. É um direito, não um serviço que o Estado presta à sociedade. Por isso, enquanto a durar a CR, a nosso ver, não

há razões para o ensino público e gratuito das universidades estar ameaçado pelo ensino não público das universidades privadas.

O artigo 6, estabelece que são direitos sociais a educação, a saúde, entre outros. São, portanto, direitos do cidadão, não são serviços que o Estado fornece à população, como nos Estados Unidos e na Inglaterra, possuidoras que são das mais antigas e distintas universidades públicas. O artigo 205 da CR afirma, mais uma vez, ser a educação direito de todos e dever do Estado e o Item IV do artigo 206, estabelece de forma clara que a educação terá como principio a gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.

Ainda na esfera das Leis federais; o auxílio reclusão, muito justamente pago pelo Instituto de Previdência, em obediência às [Leis federais 3.807 de 26/08/1960](#), artigo 43 e [Lei 8.213 de 24/12/1991](#), garantindo em 2013, a cerca de 40.522 famílias de detentos, um total anual de R\$ 426.666.070; devemos frisar este fato, pois ele não repete o erro da Princesa Izabel, que libertou os escravos, sem lhes dar assistência alguma.

Voltando à esfera das Leis estaduais; para não repetir o mesmo erro e acompanhar o bom exemplo das universidades americanas, parece ser muito justo que a USP também dê assistência aos estudantes e, no caso particular do IO, pague aos 247 estudantes de graduação do Instituto Oceanográfico ([Anuário Estatístico da USP de 2013](#)), uma bolsa de estudos.

Nossos alunos receberiam mensalmente uma ajuda de custo correspondente ao orçamento do IO que é R\$ 39.599.071,98, dividido por 12, igual a R\$ 3.299.922,60 parcelas mensais, que dividida pelo número de alunos, produz R\$ 13.360,01; pagamento mensal que cada aluno deverá fazer à unidade de ensino chamada IO. A esse valor mensal deveremos adicionar o valor de um salário mínimo, pago a cada estudante como "**bolsa de estudo**", estimada em R\$ 810,00, totalizando 14.170,01 que o Estado deverá dispender (mensalmente); para o Estado de São Paulo, reorganizado em suas alíneas, isso é "sopa" e PODE dispender.

Dessa forma o item IV do artigo 206 da Constituição Federal estará sendo cumprido, fazendo com que todo estudante do IO ser conhecedor do quanto seus estudos custam ao Estado (**importante que isso ocorra**), e permitindo, se for o caso, que ele decida se aceita,

à luz de suas posses, ou não, a "bolsa de estudos" que o Estado lhe oferece, por pertencer à sua e nossa **"elite de mentes privilegiadas"**.

Pensando nessas mentes e nas áreas que definem a nossa "realidade", na qual as ciências oceanográficas se incluem, a primeira guerra mundial adveio após descobrirmos a lei da atração entre massas; a segunda guerra, quando descobrimos que o espaço e o tempo são interdependentes. Coisas fora do senso comum e de difícil discernimento.

? Haverão outras coisas a serem descobertas e discernidas por nós?.

A universidade pública do Estado e seus privilegiados poderão, por questão de sobrevivência, participar desse mundo de miríades e responder, - talvez.

Pucha! Acho que fui longe demais nestes comentários sobre a manifestação do Prof. Joao da FAU. Mas são apenas comentários,. nada mais.
Abraços.

Afranio

Olá Professor,

Eu acho que o senhor fez uma análise detalhada da situação, como conhecedor que é da Universidade. Acredito que devemos tomar iniciativas que possam ajudar a USP a manter o seu alto nível. Obrigado pelos comentários, pois eles contribuem para argumentar nas próximas reuniões. Abraço.

Vicente

